

BRAVO, Carlos: *Galilea Año 30: historia de un conflicto* (Para leer el relato de Marcos) — México: CRT, 1989. 171 pp., 20,9 x 14,3 cm. (Serie pastoral; 12)

C. B., depois de vários anos de prática pastoral como professor em escolasticados jesuítas e como assessor de CEBs, doutorou-se em Teologia. A tese doutoral se centrou no conflito no Evangelho de Marcos. Para apoiar e fundamentar exegética e teologicamente os agentes de pastoral, escreveu uma adaptação de sua tese no livro *Jesús, hombre en conflicto* que foi muito aceito e difundido (México: CRT, 1986; cf. recensão por J. A. Ruiz de Gopegui em *PerspTeol* 19 [1987] 258-260). Entretanto — como ele mesmo o confessa — “não é um livro fácil de ler para o público médio e popular, que é para quem quis aprofundar o evangelho”, por isso “urgia fazer algo mais acessível” (prólogo, p. 9).

Assim nasce *Galilea año 30*, escrito num estilo muito simples, sem perder a profundidade. Trata-se de uma narração teológica posta na pena do autor de Mc, como se ele estivesse escrevendo hoje, atualizando e interpretando seu evangelho. A narração segue o fio de Mc do princípio ao fim, tal como C. B. o estudou na tese doutoral e no livro mencionado.

Esta *História de um conflito* enquadra muito bem, geográfica e historicamente, os acontecimentos do drama de Jesus e, de maneira natural e constante, usa o conflito como chave de leitura para entender Mc e sua teologia da cruz.

O estilo narrativo nos faz escutar, ver e quase sentir como se Marcos, conversando, nos explicasse seu evangelho numa linguagem muito popular. O povo entenderá e apreciará este livro que lhe permitirá *seguir o fio do relato*, o ajudará a *seguir a Jesus* e a *prosseguir* sua causa, embora o seguimento lhe acarrete conflitos com os que *não seguem*, senão que *per-seguem* a Jesus e seus seguidores. De vez em quando, o A. usa jogos de palavras de grande força pedagógica e catequética.

Em *Jesús, hombre en conflicto*, C. B. usou muito a análise estrutural do texto; agora inclui e adapta em seu relato os conhecimentos científicos adquiridos através daquele método. Essas estruturas são como o *esqueleto* dos textos, não estão expostas, mas sabiamente ocultas *na carne* do relato. C. B. as explicita de forma muito clara e feliz. Assim, no cap. 5 (“Formação dos discípulos”), depois de localizar bem o momento e as motivações das palavras de Jesus contidas em Mc 9,11–10,45, explica a estrutura dessas “doze instruções”: “Quatro são respostas a perguntas dos discípulos (r [=respuesta]), outras quatro são esclarecimentos não pedidos (a [=aclaraciones]); as quatro restantes são correção a condutas inadequadas dos discípulos (c [=corrección]). Organizei-as em dois blocos de seis cada um” (90). E depois vai enunciando, classificando e explicando cada um desses elementos estruturais do discurso de instrução, seguindo o caminho de Jesus rumo à cruz.

Vale a pena ler e partilhar com o povo esta leitura, para descobrir e comprovar a grande contribuição de C. B. à *metodologia popular de leitura bíblica*.

J. Saravia S.J.

*Testigos de la verdad: el asesinato de los jesuitas en El Salvador / Selección e elaboração Ana Gispert-Sauch de Borell. — Lima: CEP, 1990. 178 pp., 19,3 x 13,4cm.*

Lindo florilégio a respeito dos seis sacerdotes jesuitas e duas mulheres do povo, assassinados pela fúria militar em novembro de 1989 no contexto das mais vergonhosas repressões à inteligência, aos defensores da justiça, da paz, da conciliação nacional num país cortado por conflito violento e sangrento.

Quando as agências de notícias iam divulgando o hediondo crime, as pessoas ficavam atônitas, perguntando-se por que tanta violência. Que tinham esses homens e essas duas mulheres simples que ameaçavam tanto e provocavam tanto ódio nas forças repressivas, nos grupos de extermínio?

O livro vem responder a tal pergunta colecionando uma série de depoimentos, de testemunhos, de extratos dos escritos das vítimas. *Ana Gispert-Sauch* inicia o texto com rápida memória da última década de crise e sangue, que começa com o assassinato de Mons. Oscar Romero (24/3/1980) e termina com o hediondo crime contra os jesuitas da Universidade Centro-Americana de El Salvador (UCA) e duas inocentes mulheres que trabalhavam com os padres. Uma rápida retomada dos nomes das vítimas desses 10 anos já nos faz perceber a terrível situação em que vive tal país. Uns textos reproduzidos dos sermões de Mons. Romero dão o sentido de tantas mortes.

Um escrito mais longo do reitor da UCA, *P. Ignacio Ellacuría*, uma das vítimas, traça, no 5º aniversário da morte de D. Romero, o ideário evangélico e libertador da missão da universidade. Esta opção por criar uma universidade comprometida com a maioria pobre do país, cpondo a inteligência a serviço de sua libertação, numa perspectiva cristã, é a verdadeira causa da perseguição que os jesuitas da UCA sofrerão durante muitos anos, até pagar com sua vida essa ousadia.

Poucos dias antes de sua morte, em nome da UCA, Ellacuría recebe o Prêmio Internacional da Fundação Alfonso Comín, de Barcelona, em reconhecimento pela missão libertadora da universidade. Por essa ocasião, o *P. González-Faus* faz tocante discurso, explicitando o compromisso da UCA, como uma opção pela "razão solidária". Por sua vez, *Ellacuría* agradece o prêmio com outro discurso, repisando o sentido da opção pelos pobres da UCA. Esses dois textos enriquecem o livro.

Seguem-se no livro rápidas biografias das oito vítimas, em que se pode perceber, na escassez das palavras, a sua grandeza espiritual. Em seguida, oferecem-se ao leitor uma rápida seqüência dos acontecimentos dos últimos dias anteriores ao crime, os testemunhos dos provinciais jesuitas da América Central e da Nicarágua, a breve mensagem do Papa e a carta do P. Geral jesuíta Kolvenbach, sentida comunicação à Companhia do triste fato.

Nesse florilégio ainda se deu lugar para outros testemunhos, em forma de oração (*R. Falla*), em forma de homilia (*C. Rodríguez A.*), em forma de declaração (*G. Gutiérrez, G. Garatea*), em forma mais poética (*D. Pedro Casaldáliga*).

O livro termina com o longo depoimento de *Jon Sobrino*. O público brasileiro já o conhece na tradução feita por seus irmãos jesuitas do Brasil (*Os seis jesuitas mártires de El Salvador*. São Paulo: Loyola, 1990). É um texto escrito na dor e na esperança. É um testemunho do único membro da comunidade que escapou da morte, por estar em viagem. Foi escrito com a paixão do irmão ferido pela morte de tantos companheiros de vida, de oração, de trabalho e de mesa e que viverá então o silêncio doloroso de seus irmãos. É um texto escrito com a paixão de quem ama o povo salvadorenho, que, no fundo, é a grande

vítima e de que essas oito vítimas são símbolos expressivos. É uma peça viva que deve ser lida, meditada, rezada. É verdadeira provocação à conversão em vista de um compromisso com os pobres a partir da perspectiva de fé, como viveram as oito vítimas de novembro.

Livro pequeno. Livro cheio de vida. Livro feito para abrir-nos o coração para horizontes maiores que os pequenos de nosso mundo satisfeito. Coloca-nos a dura realidade de um país latino-americano que vive em forma paroxística o que em maior ou menor proporção se vive em todo o continente. É um grito de alarme para parar esse processo de morte que vem sendo desencadeado e alimentado por tantos interesses nacionais e internacionais.

J.B.L.

---

ALTMANN, Lori: *Convivência e solidariedade: uma experiência pastoral entre os Kulina (Madija)*. / Apresentação Milton Schwantes — São Leopoldo: Sinodal, 1990. 53 pp., 20,5 x 15 cm. (Coleção: cadernos de estudos GTME)

Neste breve estudo, a A., missionária da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), reflete teologicamente sobre sua atuação durante sete anos entre os Kulina, na Amazônia (Altô Purus), mostrando pistas para a evangelização dos povos indígenas.

O trabalho segue o esquema do ver-julgar-agir. A primeira parte (17-33) é uma descrição da realidade do povo Kulina, que se autodenomina *madija* (=gente, povo). Descreve sua organização social, política e econômica, a situação atual do ponto de vista demográfico, sanitário, territorial, educacional e sua relação com a sociedade nacional. Tanto a A. como Milton Schwantes, que escreve o prólogo, julgam importante justificar essa primeira parte, que, para alguns, poderia parecer longa, comparada às outras partes e dada a intenção teológica do opúsculo.

A segunda parte (35-44) esboça concisamente um novo conceito de evangelização. Aponta dois elementos que compõem a evangelização: "estar fundamentada num fato ou acontecimento e o efeito da alegria" (38). Ela se realiza pelo testemunho que se dá em palavras e atos. O tema do Evangelho é o Reino de Deus já presente entre nós pela ação de Deus. Evangelizar não é só anunciar o Reino (isso já se fazia no AT), mas "mostrá-lo acontecendo" (39), é "mostrar o Reino de Deus em atos humanos" e "chamar os homens a realizar estes atos para que o Reino de Deus se concretize neste mundo" (ib.). A cruz é consequência da evangelização: aceitar que a força do fraco está na sua fraqueza, sofrer perseguição e martírio por assumir solidariamente a cruz coletiva do povo sofrido. Desta forma é o próprio povo pobre que nos evangeliza "em meio ao sofrimento, à luta, à denúncia e ao protesto" (41). Aqui a A. procura resgatar a Teologia da Cruz, tão central na tradição luterana, dizendo que para Lutero "a cruz de Cristo é inseparável da cruz na história e na vida dos homens" (40). A A. termina esta parte convocando a uma atitude ecumênica tanto em frente das religiões indígenas, como das outras confissões cristãs, anotando sua boa experiência ecumênica com a Igreja católica e suas dificuldades com duas organizações de tradição protestante. E a razão da diferença estava na "falta do compromisso com a realidade concreta do povo Kulina" por parte dessas duas organizações (43).

A terceira parte (45-49) oferece algumas linhas de uma "pastoral da convivência" que a A. define como "um processo de reeducação missionária através do qual o missionário procura se colocar no mundo a partir do ponto de vista do povo com o qual se compromete e tira desta postura todas as consequências" (47).

O opúsculo pode ser lido com proveito e interesse por todos os que se preocupam com a causa indígena e também por quem queira saber o que significa inculturação no concreto de uma cultura bem diferente da ocidental. A apresentação é de Milton Schwantes (7-11), o que já por si recomendaria o opúsculo.

F. T.

---

*Transformação — Nosso compromisso*: subsídios para o ensino religioso. Vol. I: Pré-escola à 4ª série. / Laudi Erandi Brandenburg... (et al.). — São Leopoldo: Sinodal, 1990. 216 pp., 22,5 x 16 cm.

*Transformação — Nosso compromisso*: subsídios para o ensino religioso. Vol. II: 5ª à 8ª série. / Laudi Erandi Brandenburg... (et al.). — São Leopoldo: Sinodal, 1990. 215 pp., 22,5 x 16 cm.

O Departamento de Missão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) oferece nesses dois volumes um valioso subsídio para o ensino religioso, que será utilizado com proveito não só por membros da Igreja Luterana, mas também por catequistas e professores católicos de ensino religioso. O livro é uma obra em mutirão, feito a partir da experiência, com muita criatividade. Embora pensado para a escola, será usado com proveito para a catequese paroquial ou comunitária. Cada lição indica o objetivo, dá pistas para o desenvolvimento da aula e sugere atividades com os alunos. Destaquem-se estas últimas, muitas delas bem criativas: poesias, historietas, quebra-cabeças, palavras cruzadas, gincanas etc. Entre as atividades para quase cada tema há cantos adequados, tomados tanto da tradição evangélica como de compositores católicos bem conhecidos. Os cantos são apresentados com letra e música, indicando também quando existem gravações. O aproveitamento da música parece estar bem na linha da tradição luterana e a publicação da pauta musical supõe um público com formação específica, como é comum na tradição cultural alemã.

Na pré-escola, o ensino religioso tem de estar integrado no conjunto da atividade escolar e não ser trabalhado de forma estanque. Daí a preocupação com que as sugestões apresentadas abranjam "todas as áreas da vida da criança pré-escolar" (I, 12). Na 1ª série, os assuntos "têm como objetivo favorecer o relacionamento fraternal entre as pessoas e com Deus" (I, 50), conduzindo a uma reflexão que faça ver que as coisas devem ser "transformadas para que o mundo e as pessoas vivam de acordo com a proposta de Deus" (ib.). A 3ª série continua na mesma perspectiva a partir da criação, ressaltando a tarefa humana como cooperadores da criação. Vai também introduzindo na vivência comunitária. Através da história do Povo de Deus, procura-se na 4ª série que os alunos percebam que o centro da experiência desse povo é a presença do Deus da história que o acompanha e fortalece.

O tema da 5ª série é a Palestina do tempo de Jesus e os inícios da Igreja, confrontados com a realidade nossa atual. A 6ª série estuda os mandamentos, o ano eclesialístico (ou "ano litúrgico" na terminologia católica) e símbolos usuais na Igreja. A 7ª série se centra sobre a Bíblia (introdução geral e salmos). A 8ª série aborda questões éticas como ecologia, alcoolismo, drogas, namoro, MCS, propaganda, fé e política, novos movimentos religiosos..., procurando que a fé ofereça "um eixo firme para formação integral do/a jovem" (II, 11).

F. T.